



O pai em Winnicott*

The father in Winnicott

 Claudia Dias Rosa**

Resumo: Tomando como base a psicanálise winnicottiana, esse artigo tem por objetivo: a) analisar a contribuição do pai para o processo de amadurecimento pessoal em seus diversos estágios, b) explicitar as possíveis falhas paternas e a maneira como elas se relacionam com a etiologia dos distúrbios emocionais, c) ilustrar essas falhas e suas consequências, desde os estágios iniciais até o estágio das relações triangulares. No início da vida, ainda que o bebê não tenha suficiente maturidade para estabelecer uma relação com o pai como pai, a presença paterna é fundamental para ajudar a mãe a ser “suficientemente boa” ou prejudicá-la nessa tarefa. No estágio do concernimento, a criança pode ser ajudada ou não pelo pai na aquisição da capacidade para tolerar o conflito entre o amor e o ódio. Por fim, no estágio das relações triangulares uma vez que a criança sadia já adquiriu maturidade suficiente para estabelecer, como pessoa inteira, relações diretas com o pai (sendo este também uma pessoa inteira), as contribuições ou as falhas paternas influenciam diretamente a resolução dos conflitos da criança relativos à administração dos seus impulsos instintuais do tipo genital em suas relações interpessoais. As falhas paternas foram avaliadas do ponto de vista teórico, seguindo os critérios maturacionais propostos por Winnicott para a compreensão da etiologia dos transtornos emocionais.

Palavras-chave: Winnicott, psicanálise, pai, falhas paternas, complexo de Édipo, relações triangulares.

Abstract: Devoted to Winnicottian psychoanalysis, this study has the following objectives: a) to analyze the father’s contribution to the personal maturational process in its various stages; b) to explain possible paternal failures and how they are connected with the etiology of emotional disorders; c) to illustrate these failures and their consequences from early stages to that of triangular relationships. At the beginning of life, although the baby is not mature enough to establish a relationship with the father as a father, the paternal presence is fundamental to help the mother to be “good enough” or to make this task difficult to the mother. In the stage of concern, the child may be helped or not by the father in regard to the capacity of tolerating the conflict between love and hate. Finally, in the stage of triangular relationships, once the healthy child is already mature enough to establish, as a full person, direct relationships with the father (as a full person too), paternal contributions or failures influence directly the solution of the child’s conflicts in regard to handling

* Este artigo deriva de minha tese de doutorado *As falhas paternas em Winnicott*, defendida na PUC-SP em 2011 e que contou com o apoio do CNPq (cf. Rosa, 2011a).

** Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW).

his/her instinctual drives of genital order in his/her interpersonal relationships. Paternal failures were evaluated from the theoretical perspective, according to maturational criteria which Winnicott suggested for the understanding of the etiology of emotional disorders.

Key-words: Winnicott, psychoanalysis, father, paternal failures, Oedipus complex, triangular relationships

Neste trabalho apresentarei um panorama geral e analisarei o papel do pai no processo de amadurecimento – do estágio inicial da primeira mamada teórica ao período das relações triangulares, à luz da teoria de D.W. Winnicott. Pretendo, neste percurso, mostrar que a importância da presença paterna começa desde os primórdios da vida, antes mesmo de o bebê ter condições de reconhecer o pai como pai, e que durante todo esse período inicial o pai contribui de diferentes maneiras para que o bebê tenha condições de chegar a si e de se estabelecer como uma identidade integrada. Explicitarei, de maneira sucinta, os diversos papéis que ele assume no decorrer da vida do indivíduo, e que variam segundo as necessidades relativas a cada estágio. Deixarei clara a sua importância como membro do casal parental – o segundo ambiente, depois da mãe, que a criança encontra e com o qual conta para continuar amadurecendo – e deter-me-ei, mais longamente, na discussão de sua participação no estágio das relações triangulares, quando ele assume um papel privilegiado para auxiliar a criança na elaboração das questões próprias a este período. Por fim, analisarei de que forma algumas patologias podem surgir em decorrência de suas falhas.

Primeiramente, saliento que a prioridade dada por Winnicott ao tema materno acabou por obscurecer o fato de que, para o autor, desde o início, o pai participa de modo decisivo do processo de amadurecimento e de que, muitas vezes, a origem ou o agravamento de um determinado distúrbio deve-se a uma falha paterna.

De fato, na clínica, nos deparamos com histórias de vida cuja problemática apresentada, muitas vezes a central, toca em aspectos que dizem respeito à relação com o pai e suas falhas. A qualidade de sua presença, ou sua ausência, os distúrbios que o afetam e que transbordam para a relação com os filhos, a imaturidade de sua personalidade, sua incapacidade de dar apoio à esposa ou sua necessidade de ocupar o lugar desta, a impossibilidade de confrontar, de se envolver íntima e pessoalmente com as questões que afligem a criança ou o adolescente, sua omissão perante determinados assuntos, sua violência, ou total complacência, são exemplos de como o pai pode falhar em seu papel e afetar a vida dos filhos. A questão do pai não é, pois, um tema secundário, não é meramente teórico e tem implicações clínicas que não podem deixar de ser analisadas.

1. Alguns dos papéis que cabem ao pai nos diferentes estágios do processo de amadurecimento saudável¹

1.1 O pai no período de dependência absoluta

¹ Para um estudo mais aprofundado do tema, cf. Rosa, 2011b.

Durante esse período, bebê e mãe formam uma só unidade; embora indiretamente, o pai participa desta relação e a qualidade da sua presença no ambiente é de extrema importância, pois modula o espírito da mãe: o sentimento de estar protegida e amparada depende, em grande parte, do que o pai é capaz de fornecer. É natural, portanto, a constatação de que todo o efetivo cuidado paterno – no tocante à qualidade do ambiente em que a dupla mãe-bebê habita e quanto ao atendimento das necessidades especiais da mãe – faz parte do colo materno que o bebê recebe. Daí a importância de se conjecturar que, nas formulações de Winnicott, está contida a ideia de que a mãe e o pai, *juntos*, compõem o ambiente total que o bebê precisa encontrar para amadurecer, ainda que o lugar do pai não seja o mesmo da mãe na relação *direta* com o bebê. O pai nesse período ajuda a mãe a ser mãe. Se tiver uma presença efetiva e fizer a sua parte, contribui, de maneira preciosa e particular, para que ela seja suficientemente boa. A maternagem, como diz Winnicott,

Inclui os pais, mas eles devem me permitir o uso da palavra “maternal” para descrever a atitude global em relação aos bebês e o cuidado a eles dispensados. O termo “paternal” tem, necessariamente, de chegar um pouco depois do termo “maternal”. Geralmente, o pai torna-se um fator significativo enquanto homem. Depois vem a família, cuja base é a união de pais e mães, compartilhando a responsabilidade por aquilo que fizeram juntos, aquilo que chamamos de um novo ser humano – o bebê. (1969a/1999, p. 149)

No período da dependência absoluta, pode-se dizer que, basicamente, o pai assume dois principais papéis: o de mãe substituta, oferecendo seu colo e dividindo com a mãe parte das tarefas inerentes aos primeiros anos de vida, e o de dar sustentação à mãe, protegendo-a das interferências externas, de modo que ela possa dedicar-se integralmente ao seu bebê. Além disso, ele propicia, com a esposa, os alicerces do sentido de família. Veremos como nesta teoria a família tem um valor relevante e decisivo para muitas das questões envolvidas na conquista da saúde. Ela, entre outros aspectos, fornece a continuidade no tempo desde a concepção da criança até o fim da dependência, que caracteriza o término da adolescência (cf. Winnicott, 1988/1990, p. 57).

Cabe a cada indivíduo empreender a longa jornada que leva do estado de indistinção com a mãe ao estado de ser um indivíduo separado, relacionado à mãe, e ao pai e à mãe enquanto conjunto. Daí o caminho segue pelo território conhecido como família, que tem no pai e na mãe suas principais características estruturais. (Winnicott, 1961b[1957]/2001, p. 60)

1.2 O pai no período de dependência relativa

Ainda nos estágios iniciais, o bebê saudável, que pôde viver a experiência de onipotência pelo tempo necessário, começa a adquirir uma crescente compreensão mental e precisa que a mãe não mais o atenda prontamente – desiludindo-o por meio de uma desadaptação gradual – para poder exercitar essa capacidade e realizar incipientes experiências de autonomia e de diferenciação relativamente à mãe.

Não é difícil avaliar que nem sempre é tranquilo à mãe proceder à desadaptação gradual do bebê e dar início a todo o conjunto de cuidados relativos ao desmame. O pai tem uma contribuição valiosa a fazer para que a mãe consiga operar essa separação: nos bons casos ele tem um interesse particular para que os dois componentes desta dupla ganhem rapidamente autonomia: quer ver seu filho crescer e espera reaver sua mulher para si. Dessa forma, é de grande ajuda que o pai “lembre” à mãe que ela também é uma mulher, de modo que ela tenha mais um ponto de apoio para recuperar aspectos de sua personalidade e de retomar, aos poucos, a amplitude do mundo que havia sido estreitado pela preocupação materna primária. Diz Winnicott:

Eu espero que, em última instância seja o pai quem intervenha e defenda a esposa. Ele também tem seus direitos. Não só quer ver sua esposa recuperar uma existência independente, mas também quer estar apto a ter sua esposa para si, mesmo que em certos momentos isso signifique a exclusão de crianças. (1993i[1960]/1999, p. 100)

No mesmo sentido de facilitar o caminho que levará à separação e à autonomia, o bebê começa a poder distinguir, dentro do conjunto dos cuidados maternos, alguns aspectos que podem ser ditos paternos: de ordem, firmeza, dureza, inflexibilidade etc. O pai vai se tornando, paulatinamente, como uma duplicação da figura materna, e é no tocante a essa duplicação do papel materno que o paterno começa a se esboçar.

O pai acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (Winnicott, 1986d[1966]/1999, pp.126-127)

Ou seja, ao se iniciar a desadaptação materna, o colo da mãe começa a se diferenciar e a ficar pontilhado de características paternas antes desconhecidas. Elas trazem e anunciam para o bebê o início do contato com aspectos do mundo externo do qual o pai, como tal, um dia fará parte. Aos poucos, a criança terá condições de discriminar essas diversas características da mãe e dos cuidados maternos e as atribuirá, mais adiante, à figura masculina do pai. Diz Winnicott:

Se começarmos pelos primeiros tempos, podemos observar que o bebê, antes de mais nada, conhece a mãe. Mais cedo ou mais tarde, certas qualidades maternas são reconhecidas pela criança e algumas delas – maciez, ternura – ficam sempre associadas à mãe. Mas a mãe também possui toda a sorte de qualidades austeras: por exemplo, pode ser ríspida, severa, e rigorosa; com efeito, a pontualidade dela acerca das mamadas é tremendamente apreciada pelo bebê, logo que pode aprender a aceitar o fato de que não pode ser alimentado exatamente quando lhe apetece. Eu diria que certas qualidades da mãe, que não fazem essencialmente parte dela, reúnem-se gradualmente na mente infantil; e essas qualidades atraem sobre si próprias os sentimentos que o bebê, com o tempo, acaba por *dispor-se* a alimentar em relação ao pai [...] Assim, quando o pai entra na vida da criança, como pai, ele chama para si sentimentos que a criança já alimentava em relação a certas propriedades da mãe e, para esta, constitui um grande alívio verificar que o pai se comporta da maneira esperada. (1945i[1944]/1982, pp. 128-129; o itálico é meu)

É interessante nessa citação sublinhar a ideia de que não é o pai quem decide por sua entrada na vida do filho, mas sim o bebê, que, à medida que se separa da mãe e do ambiente total, começa a reunir na figura do pai determinadas qualidades que lhe vinham da mãe, e assim vai criando a presença paterna em sua vida: o bebê amadurece a partir dos cuidados maternos, e, avançando na direção da independência e abrindo-se para novas relações, cria e encontra o pai.

Note-se também que essas primeiras experiências com o que é paterno estão dentro do âmbito de cuidados que constituem o si-mesmo do bebê e nada têm a ver com a situação, posterior no processo de amadurecimento, na qual o pai será visto como um

outro, e, primeiramente, ele, o pai, será um não-eu, diferenciado da mãe e do próprio bebê – um membro do casal parental – e, mais tarde ainda, um dos polos do triângulo edípico. No estágio ora descrito, a entrada do pai na vida da criança, ou, mais precisamente, do contato com aspectos paternos, não é imposta nem tem um caráter de intervenção ou interdição. Ao contrário, as mudanças necessárias para que o paulatino ganho de autonomia e independência da criança ocorra acontecem no interior da relação mãe-bebê, e o pai, aqui, tem o papel de sustentador dessa relação para que o seu natural amadurecimento possa ir se realizando.

Já perto do final desse estágio, munido das conquistas feitas até esse momento, o bebê, em vias de alcançar o estatuto de unidade, pode obter do pai uma importante ajuda nesse sentido. Pelo fato de o pai nunca ter estado tão misturado ao bebê como a mãe esteve, por suas próprias características masculinas que o diferenciam daquilo que são os cuidados maternos, ele é aquele que fornece à criança a primeira configuração da pessoa total. O pai é, nas palavras de Winnicott, “o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e da totalidade pessoal” (Winnicott, 1989xa[1969]/1994, p. 188), antecipando o indivíduo unitário que vai chegar a si. Isto é, o bebê utiliza

o pai como uma espécie de diagrama² para a sua própria integração, em um momento em que essa integração ainda não foi conquistada por ele. Winnicott diz que

[...] o pai pode ou não ter sido um substituto materno, mas em alguma ocasião ele começa a ser sentido como se achando lá em um papel diferente, e é aqui que sugiro que o bebê tem probabilidade de fazer uso do pai como um diagrama para a sua própria integração, quando apenas se torna, às vezes, uma unidade. (1989a[1969]/1994, p. 188)

Essa citação exemplifica um dos pontos da mudança paradigmática proposta por Winnicott: em vez de simplesmente interventor, o pai surge antes não como lei, mas como modelo de integração, antecipando o *status* unitário a que o indivíduo irá chegar, se tudo correr bem.

1.3 O pai no estágio do concernimento

Um pouco adiante na linha do amadurecimento, quando a criança alcança com mais consistência o estatuto de unidade, ela torna-se apta para empreender a tarefa de integrar, como pessoal, sua instintualidade, assumindo com isso não só a potência de seus impulsos amorosos primitivos, mas também a destrutividade inerente a eles, adquirindo, dessa maneira, a capacidade de ser ambivalente. É somente nesse momento que Winnicott se refere a uma pessoa inteira (*whole person*), capaz de relacionar-se com outras pessoas também inteiras e pertencentes ao mundo objetivo; é por volta dessa época que o pai, como pai, passa a ser reconhecido pela criança.

A elaboração do concernimento, até seu estabelecimento, é longa, se faz no tempo, nas repetidas experiências de danificar-reparar, e a criança necessitará do pai para proteger a mãe da impulsividade infantil, por vezes exagerada, e colocar um sentido de firmeza em toda a situação: é aqui que aqueles elementos paternos de inflexibilidade, dureza, força e rigor, presentes anteriormente no cuidado da mãe, passam a ficar reunidos na pessoa do pai.

A presença do pai possibilita à criança ousar mais, “ir mais fundo”, proporciona que a experimentação da instintualidade se dê em sua plenitude sem ser restringida, diminuída ou empobrecida pelo medo. Ao ter um pai forte e protetor à frente, a criança não teme destruir a mãe, e assim não precisa inibir ou perder a capacidade para o amor excitado, podendo, portanto, viver de forma segura e espontaneamente sua destrutividade pessoal. A proteção que o pai oferece nesse

² Note-se que Winnicott não usa nesse momento a palavra modelo, que é um termo mais relacionado à percepção objetiva. Winnicott utiliza aqui a palavra diagrama provavelmente por estar se referindo à elaboração imaginativa, à possibilidade de o bebê fazer, via elaboração imaginativa (“dação de sentido”), um diagrama da coesão psicossomática que faz parte da integração do eu (cf. Loparic, 2000).

momento é a de pôr limites, o que permite à criança vivenciar seus impulsos, tendo, dessa maneira, a oportunidade de conhecê-los e aprender a controlá-los.

A mãe que, estando protegida pelo pai, sobrevive aos ataques dirigidos a ela no auge da experiência excitada tem condições de sustentar a situação no tempo até que a criança encontre meios de reparar os estragos feitos e entre no círculo benigno, adquirindo a capacidade para o sentimento de culpa e a responsabilidade – base da moralidade pessoal.

A integração da destrutividade, que é própria da conquista da capacidade para o concernimento, é condição para que a criança se torne apta para viver, um pouco mais tarde, as experiências agressivas relativas às fantasias e tensões inerentes ao estágio das relações triangulares. É necessário que o pai, assim como a mãe, tenha maturidade suficiente para permitir que a criança explore plenamente os sentimentos e as ansiedades que pertencem a esse período. A criança, diz o autor, que pôde alcançar o estágio do concernimento e conquistar as tarefas que fazem parte dessa etapa, está capacitada para “ir em frente rumo ao problema dos relacionamentos interpessoais triangulares, o clássico complexo de Édipo” (1955e[1954]/2000, p. 373).

1.4 O pai no estágio das relações triangulares

Antes de iniciar o exame das questões paternas propriamente ditas, referentes à etapa das relações triangulares, assinalo o seguinte: se tomarmos as formulações do autor a respeito desse período, veremos que esse estágio, denominado edípico por Freud, traz à tona, segundo Winnicott, toda uma gama de relações e sentimentos relativos às experiências triangulares recém-descobertas, as quais, embora incluam as questões especificamente genitais, que pertencem à linha instintual do amadurecimento, extrapolam o âmbito sexual que essencialmente as define.

Ao ocupar os diferentes vértices do triângulo familiar, a criança também experimenta relações cuja natureza intrínseca se encontra na linha identitária do amadurecimento, não diretamente referida, portanto, à sexualidade. A lealdade e a deslealdade, a confiabilidade nas relações parentais, as diferentes formas de participar da rotina e dos afazeres domésticos, que incluem toda a família, são exemplos de outros aspectos contidos nas relações familiares que, embora possam estar mesclados às excitações sexuais, estão longe de poder ser reduzidos ou mesmo definidos por estas. Creio, portanto, a partir de Winnicott, que seria mais preciso chamar esse estágio de estágio das relações triangulares (ou das relações familiares). O autor afirma que:

Quando chega ao estágio de desenvolvimento em que consegue perceber a existência de três pessoas, ela própria e duas outras, a criança encontra, na maioria das culturas, uma estrutura

familiar à sua espera. No interior da família, a criança pode avançar passo a passo, do relacionamento entre três pessoas para outros mais e mais complexos. *É o triângulo simples que apresenta as dificuldades e também toda a riqueza da experiência humana.* (Winnicott, 1988/1990, p. 57; os itálicos são meus)

Winnicott faz notar que, em meio a toda a complexidade que caracteriza o estágio das relações triangulares, a psicanálise freudiana deu primazia às questões edípicas.

De todas as possibilidades Freud elegeu como objeto de seu estudo o complexo de Édipo, e por esses termos passamos a indicar o nosso reconhecimento da totalidade do problema, derivado da aquisição, pela criança, da capacidade de relacionar-se enquanto ser humano com dois outros seres humanos, a mãe e o pai a um só tempo. (Winnicott, 1958m[1956]/2000, p. 420, os itálicos são meus)

Nota-se assim que, na visão winnicottiana, o complexo de Édipo representa apenas uma fatia, um dos aspectos da “*totalidade*” das questões familiares que passam a estar envolvidas nesse estágio.

Aqui o contexto familiar, já importante anteriormente, ganha nova relevância: passa a ser o principal ambiente sustentador, no qual o jogo das relações interpessoais se apoia, se desenrola e ganha realidade. Para Winnicott, a situação edipiana acontece dentro de uma família, e não o contrário: não é dinâmica desejante da triangulação edípica que condiciona e estrutura as relações familiares.

O pai é significativo pelo fato de, como integrante da família, marido da mãe e homem, realizar ações a partir desse lugar, e não somente por representar para a criança um terceiro que exerce a função de interditor sexual ou objeto de desejo. Além disso, o pai não é essencialmente o responsável pela introdução dos códigos éticos e morais, aquele que deve ser temido e respeitado, como se esses atributos fossem dados de antemão, pelo fato de ele ocupar esse lugar. A pessoa do pai precisa antes, e como condição para que isso se dê e se estabeleça, ser o homem real que exerce ações concretas de proteção, intervenção e sustentação das relações familiares, e também ter, efetivamente, presença nas brincadeiras e jogos das crianças, conhecendo suas coisas, a preferência de um filho, o jeitinho do outro. Winnicott afirma que especialmente quando o pai bate o pé com firmeza é quando ele se torna significativo para a criança pequena, desde que ele tenha conquistado antes o direito de assumir uma atitude firme ao ter uma presença assídua e amistosa em casa. (1993i[1960]/1999, p. 100)

É também importante observar que as questões relativas ao complexo edípico, de modo geral, já se encontravam presentes no estágio do concernimento, acrescidas agora do elemento sexual com a primazia da genitalidade, e pagam um tributo, em termos de sua resolução, aos bons resultados encontrados nessa última fase (concernimento). Esclarecendo: se diante da descoberta da

destrutividade pessoal a criança pôde tolerar a culpa relativa àquela, encontrando modos de reparar os danos causados por seus atos e ideias no auge da experiência excitada, ela tem as precondições para aguentar – e com isso grande probabilidade de resolver de maneira saudável – as tensões geradas pela ambivalência de seus sentimentos no estágio das relações triangulares com base genital.

Nas experiências relativas ao concernimento, a criança deu-se conta da existência de um terceiro membro da família, o pai, e usou-o para proteger a mãe de seus possíveis exageros impulsivos. Entretanto, nessa nova etapa, ela passa a perceber que entre o pai e a mãe existe uma relação especial e excitante, da qual ela não faz parte.

Ou seja, a terceira é ela. É essa descoberta, diz Dias, “a percepção do triângulo com a criança no vértice” (2003, p. 267), que Winnicott denomina “cena primária”.

Por mais doloroso que possa ser o sentimento de exclusão que esse fato ocasiona na criança, gerando nela uma série de fantasias agressivas, de ódio e de vingança, é exatamente esse dado de realidade – a existência do casal parental unido amorosa e eroticamente – que fornece à criança um ponto de referência e de estabilidade em relação ao qual ela poderá enfrentar e experimentar todos os sentimentos e impulsos que dizem respeito às relações triangulares e/ou edípicas.

Winnicott aponta para o alívio que meninos e meninas experimentam com a entrada nessa fase quando contam com um pai e uma mãe que são presentes em suas vidas e, mais ainda, quando estão reunidos em uma relação de casal.

Nessa situação triangular, o menino pode conservar o amor pela mãe tendo à frente a figura do pai, e do mesmo modo a menina, com a mãe à frente, pode conservar seu desejo pelo pai. Na ausência de uma terceira figura, a criança só tem duas alternativas: ser *engolida* ou se afastar violentamente. (Winnicott, 1965p[1960]/2001, p. 135)

Segundo Winnicott, quando os pais sabem “gozar da potência que deriva da maturidade emocional individual” (1961b[1957]/2001, p. 62), todos os envolvidos – os filhos em especial – têm muito a lucrar. De seu ponto de vista, a relação sexual dos pais é “uma rocha a que ela [a criança] se pode agarrar e contra a qual pode deferir seus golpes” (Winnicott, 1945i[1944]/1982, p. 129), não somente porque essa união assegura a intimidade, o interesse excitante e o desejo entre o casal, mas também porque envolve o empenho de ambos em manter a vida familiar – sendo a família um arcabouço que “fornece parte dos alicerces naturais para uma solução natural do problema das relações triangulares” (Winnicott, 1945i[1944]/1982, p. 129).

É importante esclarecer que, nesse estágio, os conflitos relativos à questão edípica são esperados e fazem parte do amadurecimento. Não são, portanto, resultado direto de falhas do ambiente, nem podem ser propriamente prevenidos por bom cuidado ambiental:

Mesmo no meio ambiente mais satisfatório possível, a criança tem impulsos, ideias e sonhos em que há um conflito intolerável: conflito entre amor e ódio, entre o desejo de preservar e o desejo de destruir e, de maneira mais sofisticada, entre as posições heterossexuais e homossexuais na identificação com os pais. (Winnicott, 1989v[1961]/1994, p. 56)

Entretanto, isto não implica que Winnicott desconsidere totalmente a importância do ambiente como um fator facilitador ou complicador das experiências que estão sendo feitas.

A forma como o pai lida com tudo isso é, de certa maneira, fundamental para a natureza dessas vivências. O pai pode ser, por exemplo, protetor ou sedutor, pode ser violento ou frágil, ele pode ser imaturo, e isso faz toda a diferença para o significado pessoal que a criança vai dar às experiências de rivalidade e de amor nesse período. Tanto no estágio das relações triangulares como um pouco depois, no período de latência, o pai, que é emocionalmente maduro e tolerante com respeito aos percalços do processo de amadurecimento, saberá que, para crescer, “a criança deve empregar os tipos de experiência pré-genital e genital imatura que estão ao seu alcance” (Winnicott, 1988/1990, p. 75). Mesmo que na elaboração das ansiedades a criança se aflija e fique irritada e intolerante, ela saberá, a partir de repetidas experiências que ela faz com um pai que pode lidar com algumas situações exasperantes, que

[...] a passagem do tempo, algumas horas ou por vezes alguns minutos, traz alívio para praticamente quase tudo, por intolerável que pareça, desde que alguém familiar e compreensivo esteja presente, mantendo a calma quando o ódio, a raiva, a ira, o desespero ou a mágoa parecem ocupar o universo inteiro. (Winnicott, 1988/1990, pp. 75-76)

O amor do menino pelo pai e, ao mesmo tempo, o fato de encontrá-lo no caminho entre ele e a mãe o ajudam a sair do emaranhado de fantasias que o assolam. Ao ocupar esse lugar, o pai, que já vinha desenvolvendo com a criança uma relação de confiança e proximidade, torna-se para o filho uma figura forte e protetora, digna de admiração e de identificação. O menino se identifica com o pai, aceita os limites por este colocados, e assim é aliviado das tensões e insatisfações que a manutenção das fantasias eróticas relativamente à mãe causaria.

A criança que sonha ter a mãe não tem, simplesmente, como realizar o sonho e é desse modo que, ao estar presente e assumir seu papel de marido, o pai protege o filho de ter que lidar com sua

real imaturidade para essas questões. A interposição paterna entre o menino e a mãe torna-se, assim, uma boa saída para preservar a potência relativa que está começando a ser testada pela criança. É nesse sentido que a castração fantasiada pela criança tem, segundo esse autor, o valor de cuidado e proteção. Winnicott diz: “o medo à castração pelo genitor rival torna-se uma alternativa bem-vinda para a angústia da impotência” (1988/1990, p. 62). Sem essa oposição, a criança teria grandes chances de permanecer no terreno da fantasia ou ver-se mergulhada na impotência. O pai é, nesse sentido, um facilitador para que o filho continue amando a mãe de forma segura e fique também liberado para o sonho com outras mulheres.

Pela via da identificação, o menino encontra uma nova forma de relação com o pai: em vez de se opor diretamente a ele e de reivindicar uma potência semelhante, ele abdica de parte dessa potência e estabelece com o pai, nas palavras de Winnicott, um “pacto homossexual”,³ de maneira que, em sua fantasia, a potência paterna passa a ser também sua – porém adiada para a adolescência.

Espera-se que o pai seja suficientemente maduro para aguentar, além de todo o ódio dirigido contra ele, toda a gama de sentimentos e comportamentos afetivos que o filho venha a apresentar na sua relação com ele, e isso, acrescenta o autor, “liberta outro problema, que é a amizade entre o menino e o pai, ou entre meninos” (Winnicott, 1971t/1984, p. 100).

Winnicott faz ainda a importante consideração de que o surgimento da moral no indivíduo não está, como em Freud, localizado no âmbito edípico nem aparece em consequência da ameaça do pai. Não é pela imposição da lei ou pelo medo da castração que a consciência moral se institui. Para ele, a moralidade já teve uma história pregressa na relação mãe-bebê e, portanto, não se origina nem deriva da interdição do pai. Quando há saúde, diz ele, a criança, antes de adotar a moralidade dos pais, da educação ou da religião, desenvolve uma moralidade pessoal – a capacidade para a culpa e para a responsabilidade – conquistada no estágio do concernimento, momento em que, mediante a sobrevivência da mãe, ela entra no círculo benigno. Contudo, o sentido de responsabilidade, a capacidade para pôr-se no lugar do outro, o sentimento de culpa e a reparação são conquistas avançadas de um percurso que teve origem nos estágios iniciais, com a capacidade da mãe de identificar-se com seu bebê, de colocar-se no lugar dele e cuidar dele a partir dele mesmo.

É essa pré-história, no fundo, que condiciona e possibilita a legitimação da ordem e dos códigos morais que o pai coloca nesse momento. Ou seja, quando a lei paterna vem desempenhar seu papel nas questões edípicas, ela já corresponde a um segundo momento, por assim dizer, de cunho

³ É interessante notar que, em alguns casos, Winnicott utiliza o termo “homossexual” para referir-se às identificações que as crianças fazem com o progenitor do mesmo sexo.

mais instrumentalizador e normativo das regras sociais, do que propriamente a instauração da noção pessoal e do sentimento de responsabilidade, culpa e reparação concernentes aos danos causados pela própria existência.

2. As falhas indiretas e diretas do pai

Na teoria winnicottiana, um dos critérios a ser levado em conta para a compreensão da etiologia dos distúrbios emocionais diz respeito ao momento do processo de amadurecimento em que o distúrbio teve origem; o outro critério é relativo à natureza da falha ambiental. As falhas paternas podem estar presentes na etiologia desses distúrbios de maneira direta ou indireta, de acordo com o grau de maturidade do indivíduo.

Ao considerarmos as psicoses, as falhas do pai somente podem se dar de maneira indireta, pois, nos estágios iniciais, tudo o que o bebê vive e que é relativo aos primórdios da constituição da personalidade ocorre na relação dual com a mãe e, portanto, as falhas significativas que podem levar a interrupções nesse ponto do amadurecimento são as maternas. O bebê necessita de cuidados do tipo materno e são esses cuidados que falham na patologia psicótica. Nesse momento, as falhas paternas não atingem diretamente o bebê, não sendo, portanto, causadoras diretas de privação, ou, dito a partir de outro ângulo, não levam diretamente a distúrbios psicóticos.

Somente depois que o pai se tornou significativo como terceira pessoa é que as falhas paternas podem atingir diretamente a criança, ou seja, a partir da segunda metade do estágio do concernimento; os distúrbios que podem decorrer diretamente das falhas paternas pressupõem maior maturidade, como a tendência antissocial, alguns tipos de depressão e a neurose.

2.1 As falhas indiretas do pai na etiologia das psicoses

O bebê, nesse início da vida, dada a sua imaturidade, não tem ainda condições de entrar em contato com o pai como terceira pessoa que, como tal, pertence ao mundo exterior. É no mundo subjetivo, formado no interior da relação com a mãe, que o bebê habita nesse período, e são as falhas maternas que, se estabelecidas como padrão, podem levar à privação e, portanto, a um distúrbio psicótico. O pai, dessa forma, não é causador direto de psicose, mas pode participar indiretamente da etiologia desse distúrbio, uma vez que, como vimos, compõe com a mãe o ambiente total no qual o bebê habita. O bem ou o mal que ele faz, se atingirem a mãe, ficam presentes no estado de espírito dela e em seu corpo, podendo dessa maneira também alcançar o bebê. Muitos pais esquecem que, embora não façam parte essencial do cerne da relação dual mãe-bebê, são eles um dos principais

responsáveis por propiciá-la e sustentá-la. O pai falha aqui se não der sustentação à mãe, se a atrapalha ou a sobrecarrega, impedindo-a de entrar ou mesmo permanecer no estado de preocupação materna primária pelo tempo necessário que a imaturidade do bebê exige.

Há muitos ganhos, para o equilíbrio e administração familiar como um todo, quando há no pai, ao lado de sua masculinidade, a possibilidade de ser, por vezes, também materno. Os “homens maternos podem ser muito úteis. São boas mães substitutas, o que é um alívio quando a mãe tem muitos filhos, ou quando ela adoece, ou quando elas querem voltar a trabalhar” (Winnicott, 1986g[1964]/1999, p. 191). Ocorre que muitos homens não podem, não querem ou não têm condições de estar nesse lugar. Alguns se sentem mal no que diz respeito a desenvolver tarefas maternas, outros não conseguem, por exemplo, relativizar o tempo dedicado ao trabalho, ao seu próprio descanso ou às suas atividades pessoais para dividir com a esposa alguns afazeres e, por vezes, aliviá-la para a possibilidade de um banho tranquilo. Em qualquer um dos inúmeros exemplos em que esse gênero de coisas possa se dar, a mãe não encontra no marido a cumplicidade esperada e necessária, o que a deixa sobrecarregada.

Há, por outro lado, pais que competem com a mãe pela importância que estas assumem na vida dos bebês nessa fase e, em vez de potencializá-las e ajudá-las, procuram substituí-las ou destituí-las desse lugar. Ao disputar o lugar de mãe, o pai deixa de fortalecer a esposa quando esta se sente mais frágil, nos momentos em que ela tem dúvidas a respeito de seu papel, quando a confiança lhe falta e, em vez de reforçar-lhe as potencialidades, tenta suplantá-la. O prejuízo que isso causa se revela na insegurança que pode assolar a mãe a respeito de sua capacidade para amparar e cuidar do bebê; pode abalar a convicção materna, tão necessária, de que é ela a pessoa de quem o bebê necessita e que aquilo que ela faz e do modo que ela o faz é o melhor que o seu filho poderia receber.

Isso não significa que a mãe não precise, também, da visão do pai a respeito das necessidades do filho. Por não estar identificado com o bebê como a mãe está, ele pode contribuir com valiosos aspectos da realidade que a mãe não consegue levar em conta.

Ter ao seu lado alguém que está tão envolvido quanto ela com a criança, mas que ao mesmo tempo mantém os pés no chão, fornece à mãe um inestimável sentido de segurança. Isso se perde se o pai necessita, por dificuldades pessoais, anular a potência da mulher e tentar assumir o lugar de mãe.

Pode haver nisso não somente uma imaturidade que leva os pais a desejarem estar em primeiro plano, ou a precisarem ocupar todos os lugares importantes na vida do bebê, mas, como revela o autor, também um grau acentuado de inveja masculina em relação à plena capacidade feminina de

gestar e de ser a mãe: a pessoa de quem todo homem ou mulher, em certo momento da vida, dependeu de maneira absoluta (cf. Winnicott, 1986g[1964]/1999, p. 188).

O problema é que alguns pais insistem em ser melhores mães do que as próprias ou lutam pelo pronto reconhecimento de seu lugar e de sua importância como pai tão logo a criança chega ao mundo: de uma ou outra forma, causam uma invasão, seja diretamente no mundo do bebê, seja porque, ao invadirem o espaço da mãe, podem perturbar a tranquilidade do recém-nascido.

É também comum ocorrer, durante essa época em que a mãe precisa estar totalmente imersa na relação com seu bebê, de os pais não aguentarem ocupar o “segundo” lugar na vida de suas esposas e, consciente ou inconscientemente, ressentirem-se da prioridade dada por estas ao lactente. Tornam-se ciumentos e infantis, afastam-se, adoecem ou retaliam; alguns acabam por procurar fora de casa situações que compensem a carência que sentem. A mãe, que precisaria estar atenta exclusivamente às necessidades do filho e poupar-se de problemas extras, reservando-se para a tarefa de adaptação total ao bebê, passa a preocupar-se com o marido ou com a relação conjugal. Há muitos exemplos de como tudo isso pode afetar a mãe: em casos extremos, ela pode optar pelo marido e abandonar os cuidados com a criança, e pode inclusive chegar a odiar o bebê, colocando nele a causa do afastamento do esposo.

Se o marido torna-se uma preocupação, se ele não cuida do ambiente externo protegendo a mãe e o bebê de possíveis interferências, se, ainda, ele a deixa sozinha entreabrindo a porta para a ocorrência de uma sorrateira depressão, perante, por exemplo, o sentimento “de ter que dar conta de tudo sozinha” etc., a mãe possivelmente terá muitas dificuldades para entregar-se ao estado de preocupação materna primária. Winnicott aponta inúmeras vezes o perigo dessa situação dizendo que,

[...] no meu trabalho, aprendi muito sobre as dificuldades que as mães enfrentam quando não desfrutam uma posição favorável. Talvez tenham grandes dificuldades pessoais, de modo que não podem ter um bom desempenho, mesmo quando são capazes de ver o caminho; ou têm maridos que estão longe, ou que não fornecem um apoio adequado, ou que interferem, que são até ciumentos; algumas não têm marido, mas têm ainda que criar o bebê. (1993f[1960]/1999, p. 36)

A fragilidade, a vulnerabilidade e o desamparo que a mãe sente nessa época são geralmente amenizados e ultrapassados graças à cobertura protetora que o pai realiza ao seu redor, organizando uma espécie de “proteção estendida” altamente valorosa em termos preventivos. Um colapso dessa cobertura protetora pode, não raras vezes, ser a causa ou o estopim daquilo que vem sendo chamado de distúrbios mentais puerperais. É preciso considerar que, apesar de a mãe depender fortemente do apoio do marido para exercer bem sua tarefa, como acaba de ser dito, talvez haja uma dívida ainda

mais importante no sentido oposto. Isto é, o pai depende – possivelmente mais do que a mãe com relação a ele – da influência desta para estabelecer um contato inicial com o lactente e para alcançar o bom desempenho de sua paternidade. No texto intitulado “E o pai?” (1945i[1944]/1982), Winnicott chama a atenção para o fato de que, durante os primeiros meses da vida do bebê, cabe à mãe, em grande parte, criar as condições para que o pai possa participar da vida cotidiana dos seus filhos pequenos e assim entrar em contato com eles. Ele diz:

Suponho ser um fato claro para todo mundo que, em tempos normais, depende da atitude que a mãe tome, o pai acabar ou não por conhecer o seu bebê. Há todo um rosário de motivos pelos quais é difícil para um pai participar da criação do seu filho pequeno. (1945i[1944]/1982, p. 127)

Quando, por alguma razão, em vez de propiciar essa aproximação, a mãe a impede, dificulta, impossibilita, ou simplesmente não a facilita e, por sua vez, o pai nada faz a respeito, essa omissão constitui outro tipo de falha paterna (além da materna) que merece ser destacada. Embora esta se deva, inicialmente, às atitudes da mãe que podem tornar a presença do pai inócua ou nula no ambiente, pode-se dizer que a falha paterna consiste em ele não lutar pelo seu direito e, ao se omitir, abdicar de seu papel.

As falhas do pai no período do desmame, e que indiretamente podem também contribuir para dificuldades psicóticas, estão todas relacionadas basicamente, e de maneiras variadas, à falta de ajuda, ou mesmo de empatia paterna diante das necessidades e dificuldades que a mãe encontra para operar o desmame. Se, por exemplo, o pai, no momento em que a mãe começa a desiludir o lactente e a separar-se dele, fica ansioso e se apressa nesse sentido – pressionando, entre outros aspectos, para que ela rapidamente reassuma suas funções de esposa e mulher –, pode acontecer que a mãe, em vez de proceder a uma desadaptação gradual, acelere o processo de desmame, atropelando o ritmo do bebê. Embora o interesse do pai por sua mulher, de diversas formas, inclusive a sexual, seja importante e valioso para a esposa, o retorno da dedicação ao marido e à relação do casal precisa ser matizado em função da alta exigência que o bebê ainda faz à mãe, necessitando, ela própria, também de tempo para recuperar-se do envolvimento integral que vinha tendo com o lactente. Nesses casos, o pai prejudica a tarefa materna relativa ao desmame, não porque a separação mãe-bebê não acontece, mas porque sua ação leva a que essa separação se dê de maneira brusca e imposta, gerando dificuldades específicas, dentre elas a possibilidade do desenvolvimento de um falso si-mesmo patológico ou de uma organização defensiva do tipo *split-off intellect*.

Há, entretanto, mulheres que não aceitam as reivindicações do marido. Ainda assim, a insistência deste – seja no tocante à retomada imediata da vida íntima do casal, seja para que ela reassuma rápida e integralmente a direção geral do lar, seja ainda como uma crítica à intensa dedicação que ela continua dispensando ao bebê – pode gerar na mãe um grande incômodo, um sentimento de estar perpetuamente dividida e um peso que, se a afeta, pode de alguma maneira levá-la a falhar para além da capacidade do bebê.

Se, por outro lado, ao precisar recuperar aspectos do seu mundo que ficaram restritos em virtude do estado de preocupação materna primária, o pai não mostra novamente interesse pela esposa, deixando, entre outras coisas, de procurá-la como mulher, a mãe perde um importante ponto de apoio, em termos, por exemplo, da retomada de aspectos de sua feminilidade e da potência que adviria desta, e que a ajudaria no processo de separação do bebê. O pai, diz Winnicott, tem uma importante presença no lar, entre outras coisas, “para ajudar a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito” (1945i[1944]/1982, p. 129). Do mesmo modo, se o pai, em vez de liberar um pouco mais a mãe, assumindo mais tarefas com o bebê, já possíveis nessa fase da vida, e em vez de aproximar-se cada vez mais da criança e da esposa – assegurando seu papel, afeição e cumplicidade com a família –, afasta-se da mulher, do bebê ou do lar, dificulta a separação da dupla mãe-bebê; a mãe, vendo-se desamparada, pode, de maneira oposta ao desejável para o momento, colar-se ainda mais ao lactente e não efetuar o desmame. Tanto a urgência do pai quanto o seu descaso podem, dessa forma, prejudicar a tarefa da mãe e afetar o bebê.

Winnicott ainda salienta que, para levar a cabo o desmame, a mãe “deve ser bastante corajosa para suportar a cólera do bebê e as terríveis ideias que acompanham a cólera” (1949k/1982, p. 91), assim como manifestações de irritabilidade, pesadelos noturnos, períodos de inapetência e certa dose de tristeza, bastante comuns nesse contexto. É também nesse momento que as qualidades masculinas do pai, de força, rigor e indestrutibilidade precisam se fazer presentes, tornando-se um reforço fundamental para a mãe. Se a mãe não puder contar com a presença efetiva do pai e com sua ajuda, ela ficará incumbida de manter sozinha a força do ambiente e terá que fazer isso sem perder, no entanto, as qualidades maternas fundamentais para o bebê, e, dividida em duas tarefas, ela provavelmente terá uma maior dificuldade de “colocar ordem na casa”.

De outro modo, não podendo contar com a contribuição paterna, e sobrecarregada, a mãe pode tornar-se endurecida e acabar por exacerbar o controle, colocando ordem demais e perdendo, dessa maneira, a capacidade de oferecer ao filho o ambiente tranquilo e flexível de que ele necessita. Além

disso, corre-se o risco de que as regras colocadas nesses momentos sejam, sobretudo, em função de sua irritação, decorrentes da sobrecarga e do cansaço, e não das necessidades da criança.

2.2 As falhas diretas do pai na etiologia das depressões

Durante grande parte da elaboração do concernimento, o bebê desconhece a presença do pai, ainda que este permaneça apoiando a mãe, mas, tendo em vista a longa duração de todo esse processo e a intensidade crescente das questões, em algum momento a própria criança sentirá necessidade de ajuda e recorrerá ao pai, pois, conforme o círculo benigno vai se estabelecendo, com a criança tendo êxito nas ideias e atos reparadores, mais ela se torna audaciosa e isso leva a consequências ainda mais ricas da experiência instintual. Nas palavras de Winnicott: “com a existência de um cuidado materno contínuo e pessoal, a criança cria uma capacidade de reparação também maior, e a isto se segue um novo patamar de liberdade na experiência instintiva” (Winnicott, 1988/1990, p. 92).

Ainda que a capacidade para a reparação cresça, o ponto importante a se considerar aqui para a compreensão das falhas diretas do pai nesse estágio é que, com ela, cresce também a necessidade que a criança tem de experimentar plenamente sua potência destrutiva, e, sendo a mãe o principal alvo infantil, cresce igualmente na criança o temor no tocante à não sobrevivência materna perante esse novo ganho de potência. É provável que seja em decorrência da alta ansiedade que essa situação gera – e pelo fato de já poder se relacionar com pessoas totais – que as qualidades paternas tornam-se necessárias à criança nesse momento, e o pai como pai é descoberto, passando a ser reconhecido e usado.

Sem a proteção que o pai dá à da mãe, a plena e livre experimentação de todas as etapas que compõem o círculo benigno não necessariamente deixam de acontecer, mas poderão ficar empobrecidas.

Se a criança não puder contar com a firmeza do pai – com a intervenção que ele fará ao exagero de suas demandas instintivas, com sua possibilidade de proteger a mãe –, haverá grande probabilidade de que os sentimentos e comportamentos excitados dessa criança venham acompanhados de um temor ainda mais intenso com relação aos estragos que podem causar.

Ao temer demasiadamente sua excitação instintual, a criança poderá ficar impedida de usar a potência de sua impulsividade e “o ato de experimentar, que poderia fazê-la chegar a um acordo com a própria agressividade, torna-se impossível” (Winnicott, 1968e[1967]/1999, p. 86). Assim sendo, ela constantemente se defenderá de sua agressividade por não se sentir segura e livre para viver as diversas experiências da sua vida.

Outra possibilidade é que, sem a proteção do pai, a mãe fique efetivamente mais suscetível, não tolere as exigências da criança e sucumba. Nesse caso, exaurida, a mãe pode sentir-se pessoalmente agredida, magoada ou irritada e, esquecendo-se que as atitudes da criança não são contra ela – mas uma manifestação natural da vitalidade infantil –, não conseguir aceitar o gesto de reparação. A criança, então, pode nutrir a fantasia de que abriga em si uma enorme destrutividade e experimentar um pesado sentimento de culpa que não encontra descanso pela via da reparação.

A oportunidade de dar e de fazer uma reparação, oportunidade essa que a mãe ambiente oferece através de sua presença confiável, capacita o bebê a tornar-se cada vez mais audacioso na vivência de suas pulsões do id; em outras palavras, liberta a vida instintual do bebê. Desse modo, a culpa não é sentida, mas permanece adormecida, ou potencial, e só aparece (como tristeza ou estado de ânimo deprimido) se a oportunidade de reparação não aparecer. (Winnicott, 1963b[1962]/2002, p. 116)

O estrago que pode ser reparado leva ao alcance da capacidade para o senso de culpa – ou senso de responsabilidade – que orienta e equilibra a destrutividade inerente ao viver; os danos que não podem ser remendados abrem caminho para que o sentimento de culpa se instale, tome conta do indivíduo e amortença o viver.⁴

Há a probabilidade ainda de que, sentindo a mãe frágil e indefesa, a criança tome para si o encargo de protegê-la. A respeito de um paciente cujo pai não pode desempenhar seu papel, Winnicott exemplifica:

Meu paciente encontra-se nessa posição em que sempre protege a mãe, por ter de preservá-la a fim de poder ter qualquer descanso ou relaxamento. Dessa maneira, não tem conhecimento de que a mãe poderia sobreviver ao seu ato impulsivo. Um pai forte capacita a criança a correr o risco, ao se pôr no caminho ou se achar lá para corrigir as coisas ou impedi-las através da fúria. O resultado em meu paciente, como é costumeiro nesses casos, foi que ele teve de adotar o autocontrole dos impulsos em uma etapa muito inicial [...]. Isso significa que se tornou inibido, e essa inibição teve que ser de toda a espontaneidade e impulso, no caso de alguma partícula do impulso poder ser destrutiva. (1989vt[1968]/1994, p. 184)

Quando a mãe não é destruída em razão de sua própria capacidade de sobreviver, proporcionada, fortalecida ou garantida pela contribuição paterna, essa capacidade de sobrevivência tem especial valor porque ela não se deve à proteção que a criança faz do objeto, isto é, ela não se dá à custa da inibição da instintualidade infantil.

⁴ A diferenciação que faço nesse ponto entre senso de culpa e sentimento de culpa deve-se, em especial, aos apontamentos feitos por Z. Loparic.

Em todos esses casos, sem a intervenção do pai – que aceita a agressividade do filho, ao mesmo tempo em que lhe dá limites –, os atos e fantasias destrutivas podem ganhar uma força para a qual a criança ainda não está preparada, e a saída que lhe resta é inibir parte ou a totalidade de sua impulsividade. A proteção, nesse momento, alivia todo esse processo e a libera para a vida instintual.

Há ainda situações em que, por algum motivo, é o pai quem não aguenta as experimentações destrutivas da criança. Entre outras possibilidades, sua intolerância pode levá-lo a realizar uma proteção excessiva da mãe, ou a suavizar demasiadamente os embates infantis, e a criança fica impedida não só de agir contra a mãe e de sentir a realidade de sua agressividade, como também de experimentar a culpa que suas ações acarretariam. Pela mesma incapacidade, pode ser ele, e não a mãe, quem se vinga da criança ou quem não aceita seus movimentos de restituição e reparação.

A imaturidade do pai pode levá-lo, por outro lado, a ser altamente destrutivo. Um pai destrutivo, por exemplo, que reage muito violentamente a um tapa, a uma provocação ou à bagunça da criança, pode gerar um medo exacerbado que inibe a espontaneidade ou pode alimentar um ódio que fica retido e que tem a probabilidade de causar problemas mais adiante. De toda maneira, a intensidade desses sentimentos é desproporcional para a maturidade infantil e dificulta a elaboração das tarefas e conquistas do concernimento.

Se a criança não tem a possibilidade de agir excitadamente, se ela teme exercer a destrutividade que é inerente ao viver, se os atos reparadores não têm a oportunidade de acontecer, em vez do círculo benigno se estabelecer, há um sério risco de que ele feneça e como consequência: “(1) o instinto terá que ser inibido; (2) reaparece a dissociação entre o bebê excitado e a mesma pessoa quando tranquila; (3) o sentimento de tranquilidade não fica mais ao alcance; e (4) a capacidade de brincar (e trabalhar) construtivamente é perdida” (Winnicott, 1988/1990, p. 94). O mundo interno da criança, rico em fantasias, sentimentos e excitações, passa a ficar sob controle; tudo fica lento e mantido sob um estado de inércia que barra os instintos e a capacidade para o relacionamento com objetos: temos aqui uma sucinta descrição do sentido dado por Winnicott ao humor deprimido. Em suas palavras: “no humor depressivo, pode-se dizer que o bebê (ou a criança, ou o adulto) amortece toda a paisagem interna, permitindo que um controle desça sobre ela como uma nuvem, uma cerração ou uma espécie de paralisia” (1988/1990, p. 92).

A entrada do pai como pai traz, nesse momento, outra contribuição para o amadurecimento da criança em termos de configurar a tríade familiar que é o pano de fundo para a situação edípica que virá a seguir. No entanto, a situação de triangulação, que se tornaria possível com a entrada do pai, pode ficar frouxa ou mesmo inexistente se o pai e/ou a mãe não conseguirem, de alguma forma, se

estabelecer como dois e como casal, perfazendo três. Sem a clara percepção do triângulo, as fantasias a respeito da união sexual dos pais, a raiva por estar excluída da relação íntima do casal, enfim, os diversos sentimentos e ideias que farão parte da situação edípica, vivida mais adiante, têm a chance de ficar inconsistentes e pouco demarcados.

2.3 As falhas diretas do pai no estágio das relações triangulares

No que se refere às neuroses, embora elas decorram, sobretudo, de conflitos intrapsíquicos relativos a um fracasso na administração da ansiedade e excitação genital em meio às relações triangulares, pode-se considerar que a relevância que esse fracasso adquire na vida da pessoa, ou não adquire, guarda uma especial influência dos fatores ambientais, e, no que me interessa aqui especificamente, do papel do pai.

Se o pai falhar, seja por não ajudar a minimizar, ou pior, por agravar as ansiedades que podem levar à formação de defesas rígidas, ele estará contribuindo diretamente para o surgimento de uma doença neurótica.

Nessa etapa, as relações interpessoais são notadamente uma novidade. Um primeiro ensaio acerca da tríade e do lugar nela ocupado pela criança se dá por via da experiência em torno das posições de lealdade e deslealdade. Se o pai não for maduro o suficiente para tolerar e até favorecer o exercício alternado da lealdade e deslealdade com a díade parental, isso dificultará as conquistas decorrentes da resolução da problemática edípica. O mesmo ocorre se o pai estiver ausente e, com isso, impossibilitar que a criança teste a capacidade da mãe e do próprio pai para a deslealdade e também para a ambivalência. Como mencionado por Dias (2003, p. 275), Winnicott fornece uma ilustração dessa situação em um texto sobre um paciente cuja identidade sexual havia sido dificultada, de um lado, em virtude do tipo de relação estabelecida com a mãe no início da vida, de outro, pela ausência de um pai efetivo que, no momento adequado, o tivesse ajudado, com sua presença, tanto a ver a mãe a partir da perspectiva fornecida pelo lugar do pai quanto ao exercício da deslealdade. Disso derivou uma total inexperiência relativa a uma certa posição junto ao pai e, na análise, isso apareceu na impossibilidade de o paciente usar o analista nessa posição. Foi no tocante à questão edípica que esse impedimento apresentou-se de maneira superlativa. No ponto que nos interessa, Winnicott relata que

[...] a sessão toda foi uma confusão e nenhuma de minhas interpretações serviu para nada. O paciente estava exasperado. O que, finalmente, fez-lhe algum bem foi a minha interpretação de que, embora a análise prosseguisse em torno do relacionamento com sua esposa, aqui e agora, não importa o que tivesse sido em outros tempos, ele estava elaborando a sua

exasperação em relação à sua mãe e sua absoluta desesperança em tratar com ela [...]. Ele sentiu que eu realmente havia tocado na situação, quando lhe disse que seu relacionamento em sua casa era tão semelhante ao relacionamento com sua mãe por não existir homem e, portanto, ele não podia vir a mim porque não adianta, não existe homem a quem vir. Para ele, estava fora de questão que houvesse um pai sobre cujos joelhos se pudesse sentar para olhar a mãe. (1989vp[1959/63]/1994, p. 146)

Nesse momento, a criança precisa não só que os pais permitam e possibilitem que a variedade dos temas relativos à ambivalência de seus sentimentos concernentes a eles possa ser dramatizada nos sonhos e na vida real, mas também que eles tolerem toda a gama de sintomas que a criança possa apresentar.

Com frequência foi dito, com referência à teoria psicanalítica, que no desenvolvimento da criança normal há um período de psicose. Uma afirmação mais correta seria que, no auge da fase do complexo edipiano, antes do início do período da latência, é de se esperar todo tipo de sintoma sob forma passageira. De fato a “normalidade”, nesta faixa etária, pode ser descrita nos termos desta sintomatologia, de maneira que a anormalidade torna-se relacionada à ausência de algum tipo de sintoma ou à canalização da sintomatologia em determinada direção. (Winnicott, 1989vk[1965]/1994, p. 94)

Nesse período, o pai (e a mãe) não tem como intervir na vida de fantasias da criança de maneira a impedir que as ansiedades infantis produzam repressões e sintomas difíceis de serem vividos: os conflitos dessa época são “pessoais e pertencem especificamente ao indivíduo” (Winnicott, 1989vl[1961]/1994, p. 57). No entanto, se os pais puderem tolerar e compreender as tensões inerentes a esse momento, eles estarão prestando uma contribuição valiosa no sentido de ajudar a criança a também conhecer e a tolerar ansiedades e tensões, suportar alguns sintomas incômodos, e, de maneira particular, aguentar as angústias naturais advindas dos conflitos dessa época. Dito em outras palavras, embora não se possa intervir diretamente no fator intrapsíquico, que está no cerne da etiologia da enfermidade neurótica, relativo ao fracasso do ego em tolerar as consequências das tensões instintivas, Winnicott insiste, também para essa fase, na importância da qualidade do lar e da manutenção do círculo benigno. Retomo aqui a citação na qual ele diz:

Por diversas maneiras demonstrei, espero eu, que, no estágio do complexo edipiano, é imensamente valioso que a criança possa seguir vivendo em um ambiente assentado de lar, de maneira que seja seguro brincar e sonhar, e que o impulso a ser amoroso possa ser transformado em um gesto afetivo, no momento apropriado. (1989vl[1961]/1994, p. 57)

As falhas diretas do pai nesse estágio, entre outros pontos, dizem respeito a ele não ajudar a criança a discriminar entre fato e fantasia, sendo esse, talvez, o elemento central das questões relativas a essa época que podem desembocar, se não resolvidas, em um distúrbio de caráter neurótico.

A criança, em meio às tensões pertinentes às relações interpessoais, terá que lidar com os seus desejos e fantasias concernentes aos progenitores – de assassinato, de união romântica, de geração de filhos – e, diga-se, fantasias muito maiores e mais complexas do que sua atual capacidade para administrá-las. Quando não há a realidade da aliança amorosa entre os pais e a presença consistente de cada um dos membros do casal parental em seu lugar, as fantasias que a criança vive, ou pode viver, terão a possibilidade de se tornarem mais críveis para a criança e muito mais assustadoras. Nesse estágio de desenvolvimento, diz Winnicott,

[...] a criança se acha em processo de elaborar um relacionamento entre o potencial onírico ou a vida imaginativa total com a confiabilidade ambiental acessível. Exemplificando: se o pai se acha lá, no desjejum (refiro-me à Inglaterra), então é seguro sonhar que ele foi atropelado ou ter um sonho em que, sob forma simbólica, o ladrão atira no marido da senhora rica, a fim de apoderar-se da caixa de joias dela. Se o pai não estiver presente, um sonho deste tipo é assustador demais e conduz a um sentimento de culpa e a um humor deprimido, e assim por diante. (Winnicott, 1989v[1961]/1994, p. 56)

Quando a fantasia não pode encontrar contra o que se bater, como fato concreto, as defesas contra as angústias por ela geradas têm que ser buscadas alhures, talvez na inibição dos instintos, na rigidez das ações, no próprio controle da imaginação, ou ainda na produção de uma confusão de sentimentos e pensamentos etc.

Da perspectiva de Winnicott, o que complica a situação triangular e leva ao enrijecimento das defesas, ou seja, à neurose, é o fato de haver a ameaça de a fantasia tornar-se realidade. Winnicott afirma que mesmo os pais que tendem a ser satisfatórios,

[...] podem facilmente falhar na criação de seus filhos por não serem capazes de distinguir claramente entre os sonhos da criança e os fatos. [...] Na verdade, é possível que eles tenham mais as ideias do que os atos. A maturidade implica, entre outras coisas, na capacidade de tolerar ideias e quem é pai e mãe precisa desta capacidade que, na melhor das hipóteses, faz parte da maturidade social. Um sistema social maduro (se por um lado faz certas exigências no tocante à ação) permite a liberdade das ideias e a sua livre expressão. A criança só aos poucos adquire a capacidade de distinguir entre fantasia e realidade. (1988/1990, p. 78)

Do ponto de vista de Winnicott, o problema edipiano não repousa, precipuamente, no sonho e no desejo de matar o pai ou, no caso feminino, de amar o pai e querer afastar a mãe (dito em largos traços), mas justamente no de não poder sonhar, porque, na concretude da vida, o sonho poderia se

tornar real. Na situação destes que ficam impedidos de sonhar, o sentimento de impotência toma conta do indivíduo. De modo contrário, o menino que pode sonhar matar o pai se vê, em certo momento, nessa posição, ou seja, vê-se tão forte e capaz que até imagina que poderia fazer isso: o sonho e a criatividade aí envolvidos elaboram e fornecem a potência para experiência de rivalidade, esta última tendo ainda que ser relativizada na realidade objetiva. Em suma, somente aqueles que puderam matar o pai na fantasia chegam à descoberta de que, após a luta, ambos permanecem vivos na realidade: muitos dos necessários acordos internos relativos à ambivalência dos sentimentos tornam-se prejudicados se não houver essas primeiras experiências reais na relação com o pai.

Outro aspecto das falhas diretas do pai nesse estágio gira em torno de sua impossibilidade de absorver e suportar os sentimentos destrutivos do filho. Depois de sua aparição na vida da criança, é o pai que deve, prioritariamente, receber e lidar com o ódio infantil. Estando a mãe sempre associada mais fundamentalmente a sentimentos amorosos e ternos, é necessário que, sempre que possível, a criança tenha por perto alguém a quem possa odiar e acertar alguns golpes. Ainda que os sentimentos dos filhos por seus pais se alternem e se misturem no decorrer da vida, cada progenitor fica para sempre mais ligado a um determinado lugar e função na vida de seus filhos. Poder contar com dois pais, cada qual ocupando seu papel, ajuda a criança a desmisturar sentimentos, em si mesma e relativamente aos outros, e isso é essencial principalmente durante os primeiros anos de vida quando, a par de poder ser destrutiva, ela, às vezes, necessita também ter um colo para onde voltar, um porto seguro, um lugar que ela não estragou em demasia (cf. 1945i[1944]/1982, p. 130).

Na análise de um homem, cujo pai, digno de amor, era, entretanto, o membro fraco do casal parental, Winnicott pôde constatar que

[...] o controle da agressão não se achava disponível da parte do pai, a mãe tinha de supri-lo, e ele [o paciente de Winnicott] teve de usar a fúria dela, mas com o resultado de ter cortada a possibilidade de usar a mãe como refúgio. O sintoma disso na atualidade é a falta de sono. (1989vt[1968]/1994, p. 183)

A presença real do pai propicia as condições para que a criança se sinta mais livre para poder experimentar e pôr em prática o sentimento de ódio recém-adquirido: o pai atrai sobre si sentimentos odiosos que o filho dificilmente suportaria carregar se estivessem todos dirigidos à mãe (neste último caso, a criança provavelmente os reprimiria, antes mesmo de tê-los experimentado); o pai é, supostamente, na mente infantil, aquele que pode aguentar o ódio sem ser destruído: de alguma forma, ele é mais forte, mais duro e é menos identificado pela criança a ela própria do que a mãe o é, e talvez também menos associado à fragilidade infantil.

Contudo, se, por exemplo, o pai estiver deprimido e, portanto, sem condições de entrar em contato com sua própria destrutividade pessoal, ele tenderá a evitar qualquer contato com o ódio da criança e escapar do confronto. Estando nesse estado, ele pode não conseguir se defender, sendo efetivamente muito atingido pelas atitudes agressivas do filho.

No caso clínico mencionado anteriormente, a fraqueza do pai foi um dos fatores que desencadeou no paciente de Winnicott uma extrema impossibilidade de ser agressivo; impediu-o de viver a partir de seu potencial criativo, que existia, mas estava bloqueado; levou-o a carregar uma pesada culpa tendendo a achar que tudo o que dava errado era por sua causa e fez com que ele sempre alcançasse menos do que sua capacidade realmente o permitiria. Essa pessoa, entre outras coisas, nunca encontrou uma posição que vem da potência masculina (em homens e em mulheres). Segundo Winnicott,

tudo que poderia fazer era retornar ao triste fato de que o pai fora um homem fraco e que a fúria residia na mãe, e, dessa maneira, ele nunca poderia chegar a um acordo com o pai que havia odiado. Sentia-se desesperançado a respeito de tudo. (1989vt[1968]/1994, p. 184)

A dificuldade de entrar em confronto com a criança também prejudica um importante papel que se espera do pai em termos de se colocar entre a mãe e o filho, ultimando o processo de separação, e, no que se refere especificamente ao menino, dando limites e realidade às fantasias eróticas deste, o que carrega também um sentido de proteção. As fantasias sem a interdição podem levar a uma grande quantidade de frustração; sem freios, como já foi dito no tocante à distinção entre realidade e fantasia, elas podem se tornar muito perigosas e a criança, com ansiedade e por medo, pode inibir sua instintualidade e passar a adotar defesas rígidas. É preciso também que o pai saiba discernir e pôr cuidadosamente limites quando percebe uma qualidade provocativa nas manifestações de carinho da filha, a ele dirigidas, de modo a acolhê-la como uma garota que começa a desabrochar, potencializando assim o seu lado feminino, ao mesmo tempo em que continua a exercer o papel de protetor de sua intimidade e privacidade.

Ao não interditar os desejos do menino pela mãe, o pai também deixa de reconhecer no filho um aspecto importante de sua masculinidade. Sem o impedimento paterno, o garoto pode sentir não que está liberado para ter a mãe, mas simplesmente que não é um rival considerável e, nesse sentido, perder a oportunidade de se ver valorizado pelo pai como menino/homem e ter legitimada a sua potência.

Outra consideração sobre esse aspecto é que, quando o pai intervém e frustra as fantasias da criança, ele está pleiteando o direito de ter sua mulher só para si e, ao fazer isso, ele retira a mãe do alvo dos desejos infantis e possibilita ao filho, dessa maneira, uma abertura para o sonho, para a possibilidade de ter mulheres diferentes da mãe e para novas naturezas de relação. A intervenção operada pelo pai tem o sentido de limite, de obstáculo contra o qual o filho precisará se debater até encontrar uma solução. Na ausência do terceiro, a criança, como assinala Winnicott e já dito acima, fica com duas alternativas: ser engolida ou se afastar violentamente (1965p[1960]/2001, p. 135). Ou seja, ou ela fica, por tempo indeterminado, na órbita materna, ou precisa afastar-se, sem, entretanto, alterar, pela maturidade crescente, o padrão de relacionamento com a mãe.

Se a oposição que o pai cria, ao entrar na vida infantil, for condizente com as necessidades da criança, estando apoiada, sobretudo, na singularidade desta e em uma relação de confiança entre pai e filho, então essa oposição opera no sentido de ajudar a criança a criar uma identidade pessoal e um lugar próprio para si dentro da família. Se, por outro lado, a oposição do pai for arbitrária, violenta ou absolutamente desproporcional às possibilidades infantis – seja porque ele não aguenta os ensaios eróticos do filho, seja porque entende que precisa breçar essas manifestações para educá-lo ou por uma insegurança pessoal que o leva a endurecer para afirmar-se em seu papel etc. –, ele poderá bloquear, à criança, o sonho, a fantasia e a experimentação que a ajudariam não só a lidar com as ansiedades relativas a essas questões, como também a elaborá-las.

Nessa mesma esteira, o pai também pode falhar se não tolerar as tendências homossexuais comuns a esse período que, se experimentadas, contribuiriam para as identificações necessárias à resolução edípica. Há pais que não aguentam as manifestações afetivas dirigidas a eles, porque confundem as expressões de carinho da criança na busca de identificação com uma aproximação efetivamente erótica e de cunho sexual: por temerem que qualquer proximidade “de homem para homem”, em especial a física, favoreça uma tendência homossexual, eles a evitam; esse temor pode também estar relacionado com a própria tendência homossexual do pai, que ficou mal resolvida ou pelo fato de ele não ter tido essa experiência com o próprio pai. Aqui é importante ressaltar que os limites paternos são bem-vindos e esperados pela criança: se saudável, ela naturalmente quer crescer – a tendência ao amadurecimento a impulsiona para fora dos limites familiares em direção ao mundo social e a novas relações –, e ela conta com ajuda do pai para isso.

Para finalizar, gostaria ainda de observar que, ao correlacionar as falhas paternas com os distúrbios psíquicos que estas, direta ou indiretamente, podem ocasionar, não se pretendeu estabelecer uma relação unívoca entre uma coisa e outra. Mesmo porque a mãe ou o pai que falham estão

inseridos, de alguma forma, em um âmbito mais amplo denominado família, e esta na sociedade. Isso implica uma combinatória de características de cada membro que compõe esse grupo e de relações interpessoais que devem ser consideradas quando o que se pretende é compreender ou tratar a etiologia de uma determinada patologia. Dificuldades maturacionais específicas, de um ou outro integrante do lar, ou mesmo circunstâncias sociais particulares às quais se vê submetido o grupo familiar, não somente alteram a dinâmica da casa, mas também suscitam sentimentos e reações em cada um dos componentes da família que, por sua vez, repercutem nas relações como um todo.

Referências

- Araújo, C. A. S. (2002). *As contribuições de D.W. Winnicott para a etiologia e a clínica do autismo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia, R. (2004). *A tendência antissocial em D.W. Winnicott*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Garcia, R. (2011). Um caso clínico: sobre as repercussões derivadas da atitude de cuidado no início da apresentação de sintomas antissociais. In E. O. Dias & Z. Loparic (Orgs.), *Winnicott na Escola de São Paulo* (pp. 353-364). São Paulo: DWW editorial.
- Loparic, Z. (2000). O “animal humano”. *Natureza humana*, 2(2), 351-397.
- Rosa, C. D. (2011a). *As falhas paternas em Winnicott*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Rosa, C. D. (2011b). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. In E. O. Dias & Z. Loparic (Orgs.), *Winnicott na Escola de São Paulo* (pp. 257-302). São Paulo: DWW editorial.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo* (6.^a edição). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1964a)
- Winnicott, D. W. (1982). O desmame. In D. Winnicott (1982/1964a), *A criança e seu mundo* (6.^a edição, pp. 89-94). Rio de Janeiro: LTC (Trabalho original publicado em 1949k)
- Winnicott, D. W. (1982). E o pai? In D. Winnicott (1982/1964a), *A criança e seu mundo* (6.^a edição, pp. 127-133). Rio de Janeiro: LTC (Trabalho original publicado em 1945i[1944])
- Winnicott, D. W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971b)

- Winnicott, D.W. (1984). “Robert” aos 9 anos. In D. Winnicott (1984/1971b), *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil* (pp. 100-115). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971t)
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Arte Médicas (Trabalho original publicado em 1989a)
- Winnicott, D.W. (1994). Ilustração clínica de O uso de um objeto. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas* (pp. 183-184). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1989vt[1968])
- Winnicott, D. W. (1994). Material clínico, parte II, cap. 28, “Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos (*split-off*). In D. Winnicott 1994/1989a), *Explorações psicanalíticas* (pp. 144-147). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1989vp[1959-63])
- Winnicott, D. W. (1994). A psicologia da loucura. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas* (pp. 94-101). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1989vk[1965])
- Winnicott, D. W. (1994). Psicose na infância. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas* (pp. 53-58). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1989vl[1961])
- Winnicott, D. W. (1994). O uso de um objeto no contexto de *Moisés e o monoteísmo*. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas* (pp. 187-191). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989xa[1969])
- Winnicott, D. W. (1999). *Conversando com os pais* (2.^a edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993a)
- Winnicott, D. W. (1999). Dizer “não”. In D. Winnicott (1999/1993a), *Conversando com os pais* (2.^a ed., pp. 27-48). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993f[1960])
- Winnicott, D. W. (1999). A contribuição da mãe para a sociedade. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa* (3.^a edição, pp. 117-122). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1957o)
- Winnicott, D. W. (1999). A criança no grupo familiar. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa* (3.^a edição, pp. 123-136). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986d[1966])

- Winnicott, D.W. (1999). A delinquência como sinal de esperança. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa* (3.^a edição, pp. 81-91). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968e[1967])
- Winnicott, D.W. (1999). Este feminismo. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa* (3.^a edição, pp. 183-195). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986g[1964])
- Winnicott, D.W. (1999). A imaturidade do adolescente. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa* (3.^a edição, pp.145-163). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969a)
- Winnicott, D. W. (1999). O que irrita? In D. Winnicott (1999/1993a), *Conversando com os pais* (2.^a edição, pp. 77-100). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993i[1960])
- Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa* (3.^a edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986b)
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958a)
- Winnicott, D. W. (2000). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In D. Winnicott (2000/1958a), *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 355-373). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958m[1956])
- Winnicott, D. W. (2000). Retraimento e regressão. In D. Winnicott (2000/1958a), *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 347-354). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1955e[1954])
- Winnicott, D.W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual* (2.^a edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965a)
- Winnicott, D. W. (2001). Família e maturidade emocional. In D. Winnicott (2001/1965a), *A família e o desenvolvimento individual* (2.^a edição, pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965p[1960])
- Winnicott, D.W. (2001). Fatores de integração e desintegração da vida familiar. In D. Winnicott (2001/1965a), *A família e o desenvolvimento individual* (2.^a edição, pp. 59-72). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961b[1957])
- Winnicott, D. W. (2002). O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In D. Winnicott (2002/1984a), *Privação e delinquência* (3.^a edição, pp.111-118). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1963b[1962])